



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

GRAMÁTICA E QUADRINHOS: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Deliano Pereira da Silva¹, Nataniel dos Santos Gomes²

¹Bolsista PIBIC/FUNDECT/UEMS, ²Professor-doutor orientador

RESUMO

Os métodos utilizados para ensinar a língua portuguesa são muitos. Pretende-se ressaltar, porém, com base na pesquisa de iniciação científica, a importância do uso dos quadrinhos como facilitadores da compreensão da gramática normativa pelo estudante. No entanto, ao analisar os livros didáticos e como esses exploram o método referido, foi percebido que eles aproveitam essa ferramenta pedagógica bem menos do que deveriam. As formas dos desenhos encontrados nos quadrinhos, além de serem as mesmas utilizadas por muitos anos, não evoluem no quesito visual explicativo. Por isso, resolveu-se demonstrar até que ponto estão ajudando e, como fazer para inovar e melhorar o ensino com bases em charges e quadrinhos nos livros didáticos, pontuando os fatores positivos e negativos encontrados nos antigos modelos; a partir disso, será elaborada uma proposta de aprimoramento satisfatório às necessidades dos alunos que serão beneficiados a partir das aplicações dos resultados da pesquisa.

Palavras-chave: Gramática, Quadrinhos, Livro didático

INTRODUÇÃO

O ensino da língua portuguesa através dos tempos teve pequenos avanços quando diz respeito ao emprego de novas técnicas pedagógicas relacionadas aos materiais de apoio, não quanto à didática dos docentes.

Quando falamos dos materiais de apoio, estamos nos referindo aos livros didáticos. Uma vez que percebemos em sua estrutura uma reprodução do passado que não evolui de modo satisfatório com o tempo.

Deixando com que uma importante ferramenta de apoio ao ensino de gramática ficasse obsoleta em alguns quesitos. Nesse sentido analisamos a questão dos quadrinhos dentro dos livros didáticos, e constatamos que alguns quadrinhos encontrados e as estruturas de ensino são idênticas as do passado.

Não se fazendo assim uma relação direta com a realidade do aluno, que é receptor do conhecimento comunicado pelos quadrinhos que se encontram nas estruturas dos livros didáticos em sua grande maioria no tocante à gramática.

Para tanto foram analisados dois livros didáticos, são eles: Gramática de hoje, de Ernani e Nicola, e Textos: Leituras e Escritas, de Infante.

DESENVOLVIMENTO

Uma ferramenta quase indispensável no ensino escolar com certeza é o livro didático, sendo assim, queremos abordar um pouco sobre seu surgimento no Brasil e como ele contribuiu na evolução do aprendizado nas instituições de ensino, desde o governo de Getúlio Vargas.

Quando surgiu até os dias atuais, essa ferramenta passou por diversas mudanças deixando de ser uma referência única e estática da transferência do conteúdo a ser ministrado como era na época de sua criação, pois a evolução da sociedade e do pensamento pedagógico foi aos poucos forçando essa mudança, que se fez necessária para uma adequação de momento histórico e social.

Na tentativa de enquadramento à proposta dos PCNs, os livros didáticos passaram a se preocupar em favorecer ao aluno o contato com um número diversificado de gêneros com os quais se tem contato na sociedade. Sendo assim:

Dessa maneira, diferente dos livros das primeiras décadas atrás, compostos quase exclusivamente por textos literários clássicos e restritos a um texto principal e dois ou três complementares, os LDLPs, a partir dos anos 1990, têm apresentado uma ampla diversidade de gêneros. (DIAS, 2010, p. 132).

Porém, nos últimos anos, uma quantidade significativa, de professores e alunos, ficaram escravos desse recurso didático, pois os programas escolar nada mais são do que a cópia do índice do livro didático. Ou seja, em suas aulas os professores transferem

para o quadro de giz o conteúdo abordado no livro didático adotado pela escola, com o tempo, alguns chegam mesmo a decorá-los.

Ainda nessa perspectiva as tarefas escolares constituem-se de listas de exercício do livro. Compreende-se então que o único momento que alguns docentes abandonam o livro usado em sala de aula é no momento de elaborar a prova. Porém isso acarreta outra questão, a de que esses professores acabam por consultar outros livros didáticos.

Assim, demonstram que perderam sua autonomia e senso crítico. Um problema acaba surgindo, pois esse método de ensino, que tem por cópia o que está no livro didático reflete na formação do aluno. Tornando os mesmos em meros repetidores dos conteúdos presentes nos livros. É importante dizer que a intenção não é questionar a metodologia de outros professores, e sim apresentar como o livro didático acaba por ser utilizado. E também de como algumas escolas cobram de seus professores a sequência do livro didático, não permitindo que o mesmo leve materiais extras, ou trabalhe sobre outra perspectiva.

Nessa ótica observamos o regresso do papel do professor da Idade Média, que era o de transcrever o livro no quadro de giz e exigir que o aluno reproduza esse conteúdo tal como lhe foi apresentado. Desta forma, o livro didático no Brasil, passa a ser o único instrumento de trabalho do professor, além do quadro de giz, sendo tratado na sala de aula quase como uma verdade absoluta.

Percebe-se assim um modelo de ensino que não é muito diferente do que era feito no século XIII. Não é de se estranhar que os alunos fiquem condicionados e nunca aprendam a “ler” no sentido de compreenderem o conteúdo, pois apenas limitam-se a identificar a que tipo de problema ou exercício pertence a situação proposta. Chegam a universidade acostumados aos manuais programados solicitando a perpetuação desta prática de ensino. (VARIZO, 1999, p. 01)

No que tange à forma como foi recepcionado o livro didático no Brasil, percebemos que no início de sua introdução não houve muitos contrapostos, porque no momento era uma inovação na forma educacional da época, que pouco pensava a respeito da importância dos métodos educacionais a serem utilizados no ensino da língua portuguesa. Nesse sentido:

No ensino de língua portuguesa, os materiais de ensino transformaram-se historicamente. Era comum, até na década de sessenta, a existência de dois tipos de materiais: uma antologia e uma gramática. A antologia resumia-se numa coletânea de textos, sem indicações metodológicas ou preparação de exercícios. A gramática era especialmente elaborada para o uso de alunos desse nível de escolaridade. (FREGONEZI, 1997, p. 128)

Queremos ressaltar uma característica muito revelada por Fregonezi: o fato de existir um manual para ser seguido, não significa que a fórmula do ensino da língua está pronta e acabada neste manual e no que existe em sua estrutura.

Portanto a língua é um fator social e como tal sofre mudanças e adequações impostas pelo tempo da sociedade na qual está inserida. Desde a década de 70 a luta por um livro didático que tivesse seus conteúdos padronizados e delimitados de forma a facilitar o ensino eram muito desejados e, isso sem dizer na falta destes nas escolas públicas por estarem fora da capacidade orçamentária da época, apesar de no período de 1972 a 1981 terem si expressivos os projetos apresentados ao Congresso Nacional com o objetivo de rever algumas decisões, suprir ou minimizar a gravidade dos problemas gerados com o custo do livro escolar, por exemplo, evitar substituição de livros, uniformizar a indicação desses livros, substituí-los somente no início do 6º ano letivo a contar da data de sua adoção algo que veio a se concretizar só em 4 de fevereiro de 1976.

Os livros didáticos que foram estudados na pesquisa de iniciação científica mostraram ser capazes de abordar de forma satisfatória questões de incentivo à leitura. Porém, queremos nos deter no quesito gramatical e semântico que formam as estruturas de pouca ou muita complexidade dentro do ensino de gramática através dos quadrinhos e charges encontrados em suas estruturas, pode-se inferir que as diversas abordagens encontradas são muito superficiais e com pouco comprometimento com as estruturas dos desenhos que as apresentam, não usufruindo do poder de persuasão que elas contêm da forma que deveriam, pois os desenhos não enfatizam o que realmente a estrutura gramatical quer dizer na maioria dos casos abordados, outro aspecto muito importante são os tipos de desenhos que são usados para representar as ocorrências, sendo parte da realidade de uma massa de estudantes que já não mais os contemplam, pois, já terminaram seus estudos.

Essa temática retrata o quanto é preciso evoluir em questões referentes ao uso dos quadrinhos em sala de aula, nos livros que norteiam as atividades educacionais ao longo do ano letivo e em quaisquer outros materiais apresentados aos estudantes que façam um elo com essa metodologia de ensino, pois, nos livros didáticos pesquisados os quadrinhos não passavam de um simples apêndice quando na verdade deveriam ser um braço direito na abordagem das estruturas gramaticais. Levando-se em conta que analisar sintaticamente estruturas complexas não é uma tarefa tão simples para maioria dos alunos, percebi que se colocarmos diante deles essas estruturas com esse tipo de

quadrinho ou de charge, que soa utilizados nesses livros, estaremos colocando algo que não tem referências à vivência do aluno com algo que o aluno não vive, ou seja o aluno não irá conseguir internalizar as regras e o funcionamento das estruturas não por que não teve contato prévio com essas, mas por que essas foram apresentadas como um fato distante de sua realidade intelectual.

Os livros pesquisados dão mais valor às formas escritas ao tratar do ensino de gramática, quando deveriam trabalhar o conjunto em busca de um equilíbrio pedagógico ao utilizarem os quadrinhos como ferramentas de ensino para transferência de conhecimento, no entanto, o que se pode inferir dessa forma de abordar o ensino com essa ferramenta é que os produtores dos livros ainda são parte descrentes quanto à eficácia dos quadrinhos no ensino de gramática, por não darem ou por não saber dar o devido reconhecimento ao amplo mecanismo de ensino que pode ser desenvolvido com os quadrinhos.

Utilizamos como metodologia leituras críticas sobre uma grande variedade dos quadrinhos, de livros didáticos e de discussões a respeito das formas de como podemos desenvolver um raciocínio pedagógico com suas estruturas. Analisamos livros didáticos a partir da leitura de textos teóricos.

Também durante a realização do projeto desenvolvemos pesquisas em função do tema proposto, fizemos o agregamento de materiais ao projeto para enriquecimento da pesquisa além do acompanhamento de nosso orientador que nos proporcionou o privilégio de podermos nos reunir com escritores de artigos relacionados à nossa pesquisa em questão.

Por fim, um dos principais resultados alcançados até agora foi a publicação do artigo Gramática e Quadrinhos: Reflexões Sobre o Ensino da Língua Materna nos Livros Didáticos, fruto da apresentação durante a VIII Jornada Nacional de Língua Portuguesa e Filologia. É notável, também, mencionar as reuniões de estudos e discussões realizadas até agora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já dito anteriormente, um dos principais resultados da pesquisa foi a criação do artigo Gramática e Quadrinhos: Reflexões Sobre o Ensino da Língua Materna nos Livros Didáticos. É pertinente dizer, também, que uma de nossas maiores

dificuldades foi a falta de um laboratório de informática para fazermos pesquisas mais profundas e precisas.

Ao fim esperamos que o conjunto de conteúdos estudados e aplicados para seu desenvolvimento ajudem a embasar estudos futuros mais refinados nesse assunto, pois, o que começamos precisa ser lapidado em níveis mais elevados que atualmente ainda não podemos fazê-lo, no entanto, como a língua é viva novas formas serão introduzidas ou subtraídas, porém, a estrutura de base continuará a ditar as regras de nossa gramática normativa. A realidade que dita a gramática normativa é mais econômica do que social ou intelectual, mesmo assim a valorização de nossa língua deve continuar independente desse influenciador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Eliana. Livro didático: do surgimento às mudanças atuais. In: Anais do II Seminário de Pesquisa do NUPEPE. Uberlândia/MG, 21 e 22 de maio 2010, p. 132-143. Disponível em: <http://www.eseba.ufu.br/arquivos/anais/trabalhos_Completos/Eixo_1/Eliana_Dias_-_Livro_didatico_do_surgimento_as_mudancas_atuais.pdf> Acesso em: 20-11-2013.

ERNANI, Terra; NICOLA, José de. Gramática de hoje. São Paulo: Scipione, 2008.

FREGONEZI, Durvali Emílio. Livro didático de língua portuguesa: liberdade ou opressão? In GREGOLIN, Maria do Rosário V.; LEONEL, M. C. M. O que quer o que pode esta língua? Brasil/Portugal: O ensino de língua portuguesa e de suas literaturas. Araraquara: Cursos de Pós Graduação em Letras, FCL, UNESP-Ar, 1997.

INFANTE, Ulisses. Textos: leituras e escritas. São Paulo: Scipione, 2005.

TAGLIANI, Dulce Cassol. O processo de escolha do livro didático de língua portuguesa. Linguagem em (Dis)curso, vol. 9, p. 303-320, 2009. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0902/090204.pdf>> Acesso em: 20-11-2013.

VARIZO, Zaira da Cunha Melo. O livro didático. Ontem e hoje. Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES, Vitória, v. 10, p. 125-140, 1999.